

## ***EL LIBRO DE LOS SERES IMAGINARIOS: BIBLIOTECA BORGEANA***

Maria Elisa Rodrigues Moreira  
Universidade Federal de Minas Gerais/Bolsista CNPq

*Yo afirmo que la biblioteca es interminable.*  
Jorge Luis Borges

A biblioteca aparece na obra de Jorge Luis Borges como uma figura emblemática para que pensemos sua literatura como espaço de produção de saberes e diálogo entre os mais diversos textos e leituras. Figura fronteiriça, a biblioteca se imbrica com o arquivo, a coleção, a enciclopédia e o museu, constituindo-se como um lugar de saber, de memória e de deslocamento.

Procuraremos, nesse trabalho, apontar alguns aspectos constituintes do conceito de biblioteca pertinentes à sua característica de coleção de livros, a partir especialmente das reflexões de Walter Benjamin e Ivette Sánchez sobre o colecionismo, e construir uma aproximação entre esta figura – a biblioteca – e *El libro de los seres imaginarios*.

Sob essa perspectiva, *El libro de los seres imaginarios* – escrito por Borges com a colaboração de Margarita Guerrero e publicado em 1967 como uma “segunda versão ampliada” do *Manual de Zoología Fantástica*, livro que havia sido publicado dez anos antes pelos mesmos autores – pode ser pensado como uma biblioteca, como um acervo de leituras as mais diversas que conformam o pensamento e a memória literária do ávido leitor que foi Borges.

Normalmente estudado como um bestário de seres reais e imaginários, acreditamos que *El libro de los seres imaginarios* pode ser lido por outro ângulo, como uma grande compilação de antigos livros e fábulas, uma coleção de textos acerca dos animais, enfim, como uma biblioteca do que os autores denominam “seres imaginários”:

o livro dedica-se, portanto, a ficções, a seres forjados pelo homem ao longo do tempo, a leituras rememoradas de outros textos.

## 1. A coleção

*É que, como toda coleção, esta também é um diário: diário de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo, de humores [...]. Ou talvez apenas diário daquela obscura agitação que leva tanto a reunir uma coleção quanto a manter um diário, isto é, a necessidade de transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos.*

*Italo Calvino*

Acreditamos ter na coleção um conceito chave para a reflexão acerca da biblioteca, uma vez que ela constitui-se como noção básica para a formação seja dos museus, dos arquivos ou das enciclopédias, perpassando assim a constituição das próprias bibliotecas, funcionando como uma espécie de núcleo irradiador para esse pensamento. Entretanto, se a coleção funciona como o eixo instituidor da semelhança, seu objeto específico no caso das bibliotecas – o livro – inscreve-se como o traço de diferença que a particulariza, conforme breve apontamento de Walter Benjamin: “Seria interessante estudar o colecionador de livros como o único que não necessariamente desvinculou seus tesouros de seu contexto funcional” (Benjamin 241). Tal particularidade é também destacada por Yvette Sánchez: “Somente o colecionismo de livros não tira os objetos de seu contexto corrente” (Sánchez 113).

Os estudos sobre o colecionismo nos permitem identificar diversos aspectos característicos da coleção, sobre os quais poderíamos centrar nossas reflexões a respeito da biblioteca, como a relação entre conhecimento e coleção; o aspecto de conjunto da coleção e sua potencialidade narrativa; a constituição da coleção através da posse e da

atribuição de valor; seu caráter (auto)biográfico; sua tentativa de ordenar o mundo; sua constituição como lugar de memória... Nesse momento, entretanto, procuraremos delinear nossa ideia de coleção a partir de dois elementos do que consideramos seu núcleo central: sua origem etimológica e sua motivação.

Yvette Sánchez aponta duas aproximações etimológicas da coleção: primeiramente, a partir do latim *collectio*, ela se conforma como a ação de juntar, de reunir, de coletar objetos, e é nessa noção de conjunto de coisas agrupadas que encontramos um de seus aspectos primordiais; em outra perspectiva, do grego *legein* derivam-se tanto o ato de ler quanto o de colecionar, de onde a autora afirma “a escritura como coleção” e que “ler é colecionar” (Sánchez 11), aspecto fundamental para o pensamento acerca da biblioteca que intentamos desenvolver.

Essa aproximação entre coleção e leitura é também apontada por Christian Jacob (Jacob, *Ler para escrever: navegações alexandrinas*) quando o pesquisador trata da constituição da Biblioteca de Alexandria e das atividades intelectuais dela decorrentes: formar as coleções da biblioteca é, ao menos como projeto, um trabalho de acumulação de todo o saber escrito existente no mundo até então, num processo que implica leituras prévias e que possibilitará uma série de posteriores leituras e escritas. “Ler para escrever”, frase que dá título a seu texto, seria a forma constitutiva dos processos intelectuais e cognitivos desenvolvidos pelos alexandrinos a partir de sua biblioteca, e acreditamos que também da literatura de Jorge Luis Borges.

Decorrente de sua primeira acepção etimológica, concebemos uma coleção, normalmente, como um agrupamento de coisas que pertencem a uma mesma classe e estão organizadas segundo uma determinada norma, formando um todo coerente e coeso, ainda que os elementos que a compoñham mantenham sua individualidade. Esse

agrupamento seria motivado, para retomarmos uma expressão de Walter Benjamin, por uma “luta contra a dispersão”:

Talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão. O grande colecionador é tocado bem na origem pela confusão, pela dispersão em que se encontram as coisas no mundo. [...] O colecionador [...] reúne as coisas que são afins; consegue, deste modo, informar a respeito das coisas através de suas afinidades ou de sua sucessão no tempo (Benjamin 245).

Colecionar é, pois, uma necessidade de “luta contra a dispersão” tão grande quanto o é a escrita, uma necessidade de fixar e ordenar o fluxo caótico do mundo numa folha de papel, nas páginas de um livro, na narrativa infindável de uma imensa e babélica biblioteca. Colecionar o próprio pensamento, circunscrevendo-o nos limites da palavra escrita, pode ser uma forma de lutar contra o caos de informações do mundo. Seria essa uma forma de reagir à perspectiva de uma memória infindável como a de Irineo Funes, capaz de rememorar e recordar cada instante e cada situação, objeto, sentimento do mundo, mas incapaz de produzir um pensamento próprio? (Borges, Funes el memorioso). Ao escolher e recolher o que se deseja ver preservado e reunido numa coleção, o homem não estaria praticando o esquecimento do que opta por deixar de fora, por não coletar? Colecionar, lutar contra a dispersão não seria também uma forma de distinguir o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido? Afinal, “coleccionar é uma forma de recordação prática” (Benjamin 239) e “o esquecimento permite, muitas vezes, sobreviver. Se nós lembrássemos tudo, não conseguiríamos viver” (Serres 164).

Nessa perspectiva, ao constituir suas narrativas Borges estaria fazendo de suas obras coleção de pensamentos e saberes nas quais o mundo, o conhecimento e a literatura se apresentam sob uma nova organização, preservados da dispersão que os cerca e a salvo de perder-se no “vaciadero de basuras” que pode tornar-se a memória

humana que procura dar conta de tudo simultaneamente. Ao colecionar suas leituras e saberes e ordenar essas coleções por meio de um novo texto, de uma literatura que dialoga com tempo e espaço e reinscreve sua memória num texto outro, Jorge Luis Borges faz de sua obra biblioteca, coleção de livros, arquivo de saberes políticos, científicos e estéticos que deseja ver preservados.

## **2. A biblioteca, coleção de livros**

*Há livros que, mais do que unidades, são bibliotecas, compêndios que, sob a aparência de um ensaio, abarcam uma pluralidade de gêneros e temas. [...] Quem os percorre tem a impressão de estar entrando no meio de uma multidão, num corredor de espelhos, numa selva; de estar lendo não um livro, mas uma infinidade de volumes com diversos textos reunidos, quase ao acaso, sob as mesmas capas generosas.*

*Alberto Manguel*

Se a biblioteca pode ser pensada como um tipo de coleção, configurado pelas linhas gerais que norteiam os estudos do colecionismo, seu traço de diferença nesse conjunto irá inscrever-se especialmente a partir da questão da utilidade. Conforme Benjamin, um dos elementos identificadores das coleções é a retirada de seus objetos de suas relações primeiras e, com isso, seu deslocamento e a abolição de sua funcionalidade:

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Essa relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude (Benjamin 239).

Esta característica, no entanto, não se aplicaria à coleção de livros, como vimos na questão por ele levantada e que reproduzimos no início deste texto: a coleção de

livros diferencia-se das demais justamente por nela não haver uma desvinculação de seu valor de uso.

A biblioteca, assim, seria uma coleção na qual os objetos mantêm sua funcionalidade original. Talvez por essa particularidade Phillip Blom afirme que “[c]olecionar livros é uma atividade multifacetada. Talvez seja a forma mais rica e ambígua de colecionar. [...] Em nenhum outro lugar o ato de colecionar tem faces mais diversas do que entre aqueles que investem seu capital, temporal e financeiro, em livros” (Blom 228-229). Acreditamos, inclusive, que ao compor uma coleção, ao constituir uma biblioteca, o livro não apenas conserva seu valor de uso como o tem amplificado por sua inserção no conjunto.

Dessa forma, a biblioteca e seus objetos, os livros, se tornam imagens emblemáticas para se pensar a produção de conhecimentos, uma vez que se apresentam como uma imensa base de saberes disponíveis à leitura, à interpretação e à expansão. Walter Benjamin afirma que “Colecionar é um fenômeno primevo do estudo: o estudante coleciona saber” (Benjamin 245), hipótese que reverbera na reflexão de Sánchez sobre a leitura e a escritura como coleção: “o saber escrito se organiza em coleções de livros” (Sánchez 101).

A produção de saberes a partir de uma coleção de livros deriva assim, justamente, da potencialização de seu valor de uso ao ser inserido num conjunto mais amplo de conhecimentos passíveis de se intercambiarem. Ela está intrinsecamente vinculada à poética do colecionismo traçada por Sánchez, marcada pela concepção de que ler é colecionar e de que a escritura é uma coleção. A escritura se faz, assim, a partir de uma coleção de leituras, através da qual a memória aproxima o mesmo e o outro, num movimento de ressignificação constante.

Retomando o próprio Benjamin e seu hábito constante de tomar notas das mais diversas referências em uma caderneta, a autora indica:

O trabalho principal consistia em tirar estes fragmentos de seu contexto e dispô-los de uma forma nova, arbitrária e nunca definitiva, de tal maneira que se iluminariam mutuamente. Com este tipo de montagem indagava os rumores da tradição, sem dar ares de vidente ou inovador; Hannah Arendt o compara com o trabalho do mergulhador de pérolas, cuja tarefa consiste em tirar das profundezas do mar – do passado – e transportar para a superfície (para a memória) fragmentos preciosos de pensamentos díspares, criando a nova totalidade. Colecciona lendo. Conserva e destrói ao mesmo tempo (Sánchez 118).

Vinculando esse pensamento acerca da biblioteca à literatura de Jorge Luis Borges encontramos-nos diante de um autor que faz da leitura seu processo de escrita: o escritor parte de sua coleção de leituras para produzir seu próprio texto, numa relação que mescla memória e criação, conservação e destruição. Coleccionar é, assim, ler, embaralhar e fazer colidir os diversos textos que se encontram à deriva e, no processo da escritura, ressignificá-los, deslocá-los, reterritorializá-los. Conforme Sánchez “escrever significa incorporar o lido, quer dizer, os textos anteriores colecionados, em outro texto novo” (Sánchez 256).

### **3. A biblioteca e os seres imaginários**

*Todos os livros que li formam em mim uma biblioteca. Não, porém, bem ordenada, os volumes não estão em ordem alfabética, não existe catálogo. E todavia é exatamente assim, uma memória na qual se acumulam as minhas leituras.*

*Roland Barthes e Antoine Compagnon*

É possível pensarmos as obras de Borges, a partir do exposto, como elaboradas tendo por base um projeto de biblioteca, como uma literatura que tem a biblioteca por metáfora e modelo literário e que se constitui através de um trabalho de espessamento

dos limites e reafirmação da fronteira como o espaço de produção dos saberes. A biblioteca funciona como *topos* do diálogo entre os mais diversos conhecimentos, temporalidades, espacialidades e formas textuais, e é em suas brechas e deslindes que irá se produzir um outro saber, um saber narrativo poroso, aberto, interminavelmente conectável:

A lo largo del tiempo, nuestra memoria va formando una biblioteca dispar, hecha de libros, o de páginas, cuya lectura fue una dicha para nosotros y que nos gustaría compartir. [...] No sé si soy un buen escritor; creo ser un excelente lector o, en todo caso, un sensible y agradecido lector. Deseo que esta biblioteca sea tan diversa como la no saciada curiosidad que me ha inducido, y sigue induciéndome, a la exploración de tantos lenguajes y de tantas literaturas (Borges, Biblioteca personal (prólogos) iii).

Esse diálogo com uma memória escrita inesgotável, com uma biblioteca desejosa de abarcar “todos os escritos da Terra” (Jacob, Ler para escrever: navegações alexandrinas 45) transparece na mobilidade e multiplicidade do universo poético do escritor argentino, que transita entre temáticas e estilos narrativos diversificados, mesclados em produções narrativas, poéticas e ensaísticas que se mostram confluentes e coerentes ao desbordar as fronteiras dos gêneros discursivos e ao fazer transitar dúvidas, hipóteses e saberes múltiplos. Crítica e ficção andam juntas e se interpolam na tessitura de narrativas que são, permanente e simultaneamente, uma forma de reflexão.

Um voraz apetite pela leitura é perceptível nas produções de Borges, fazendo das mesmas territórios livrescos em que a tradição é rememorada e recriada constantemente; em que o sonho, a realidade e a imaginação se imbricam de forma contínua; e em que o saber constrói-se a partir do diálogo entre a ficção e a reflexão em suas mais variadas formas de aparição. Na construção de sua poética, Borges têm na biblioteca não apenas um objeto e uma temática, mas também uma estratégia narrativa: ele cria seus textos como se compusesse uma biblioteca na qual os mais diversos textos confrontam-se para

o estabelecimento de um texto que os releia e os rediga. A biblioteca funciona, assim, como uma coleção de textos temporal e espacialmente deslocados e reorganizados por Borges numa outra narrativa.

Para aprofundar um pouco mais nossa reflexão sobre a biblioteca em Borges, procurando fugir da sombra da Biblioteca de Babel e de sua metaforização do infinito, da imensidão, do buraco negro que paira sobre a ideia de uma coleção de livros, optamos por abordar um livro menos emblemático mas, nem por isso, distante desse labirinto evocado por Babel: *El libro de los seres imaginarios*.

Normalmente estudado como um bestário de seres reais e imaginários, acreditamos que *El libro de los seres imaginarios* pode ser lido por outro ângulo, como uma grande compilação de antigos livros e fábulas, uma coleção de textos acerca dos animais, enfim, uma biblioteca do que os autores denominam “seres imaginarios”. Seu vínculo com a ficção desenha-se ainda no prólogo, quando Borges e Guerrero procuram estabelecer os limites do que estaria contido no termo “seres imaginarios”: “um manual de los extraños entes que ha engendrado, a lo largo del tiempo e del espacio, la fantasía de los hombres” (Borges, *El libro de los seres imaginarios* 7). O livro dedica-se, portanto, a ficções, a seres forjados pelo homem ao longo do tempo, a leituras rememoradas de outros textos, aqui compilados.

E, ainda no prólogo, se afirma também a questão da incompletude inerente a qualquer projeto de biblioteca: “un libro de esta índole es necesariamente incompleto; cada nueva edición es el núcleo de ediciones futuras, que pueden multiplicarse hasta el infinito” (Borges, *El libro de los seres imaginarios* 7). Se em Babel é a biblioteca que se multiplica ao infinito num jogo de espelhos, aqui o próprio livro é pensado como um desdobramento interminável de referências.

Composto por verbetes alfabeticamente ordenados, *El libro de los seres imaginarios* traz à luz em suas páginas animais derivados de textos das mais diversas origens temporais e espaciais. Excertos de Franz Kafka, C. S. Lewis, Edgar Allan Poe, Wang Ta-hai e William T. Cox, por exemplo, aparecem como transcrições, compondo verbetes cujos textos integrais são citados entre aspas. Ao lado deles, referências inesgotáveis compõem os demais verbetes: a tradução de Richard Burton para *As mil e uma noites* e a História Natural de Plínio, o Velho convivem amistosamente com obras como as *Cartas edificantes e curiosas* do padre Zallinger ou o *Bundahish*.<sup>1</sup> Para a composição dos seres de alguns verbetes, como é o caso da fênix, as referências a outros textos multiplicam-se: encontram-se ali citadas as mitologias egípcia, grega e romana; Tácito; Plínio, o Velho; Heródoto; Claudiano; Ovídio; Dante; Shakespeare; Pellicer; Quevedo; Milton; Lactâncio; Tertuliano; Santo Ambrósio; Cirilo de Jerusalém...

Esses breves exemplos procuram indicar uma possível leitura de *El libro de los seres imaginarios* como uma grande biblioteca acerca dos animais e outros seres engendrados pela imaginação humana ao longo do tempo e nos mais diversos lugares. A estratégia narrativa de Borges assemelha-se, aqui, a uma prática corrente apontada por Jacob relativamente aos estudiosos da Biblioteca de Alexandria, que a partir da biblioteca compunham “[...] as coleções de palavras raras, de curiosidades naturais, culturais, lexicais ou semânticas colhidas ao longo dos textos antigos, que podem ser redistribuídas em novos textos, em ordem alfabética e/ou temática, ou conforme as regiões geográficas e os diferentes dialetos” (Jacob, *Ler para escrever: navegações alexandrinas* 65). Dentre essas “compilações”, ele cita: *Das palavras suspeitas de não terem sido usadas pelos antigos*, *Da denominação das idades* (dos homens, das

---

<sup>1</sup> Vale lembrar que não nos interessamos em investigar a “fidedignidade” das fontes indicadas por Borges, conhecido por suas atribuições errôneas ou referência a obras inexistentes. Acreditamos que o que merece atenção, aqui, é o efeito dessa escolha narrativa, que transfere a um outro texto a origem da informação por ele apresentada, remetendo sempre a outras leituras, sejam elas reais ou fictícias.

mulheres, dos animais domésticos, dos animais selvagens, das aves...), *Dos nomes de parentesco, Expressões áticas, Glosas lacônias, Provérbios não métricos, Provérbios métricos, Coleção das maravilhas de toda a Terra, classificada por lugares...* Não nos causaria estranhamento se, ao longo dessa lista, encontrássemos *El libro de los seres imaginarios*.

Como “toda estante vazia é um anúncio de livros por vir” (Manguel 75), pensar a biblioteca como um modelo possível de produção de conhecimento é também pensar o saber como um processo contínuo e infindável, múltiplo e dinâmico. Conforme afirma Jacob, ainda que a biblioteca seja uma instituição, um espaço físico, ela “é também, e simultaneamente, um desígnio intelectual, um projeto, um conceito imaterial que dá sentido e profundidade às práticas de leitura, de escrita e de interpretação. Enfim, é uma coleção de livros, o efeito resultante de sua justaposição e interação [...]” (Jacob, Prefácio 10).

Assim como nenhuma biblioteca um dia será total, por mais que os fantasmas de Babel e Alexandria a habitem, a produção de um saber narrativo nunca será também completa e unívoca: através da narrativa é possível a construção de um saber que agrega em si a diversidade e se produz numa zona fronteira que ele mesmo constantemente desloca e altera, um saber marcado pela mudança e pela transitoriedade. A biblioteca borgeana que se configura com *El libro de los seres imaginarios*, assim, traz em seu próprio princípio o infinito sobre o qual o escritor argentino tanto refletiu. Inesgotável, ela representa a si mesma no modo de leitura por Borges e Guerrero solicitado no prólogo ao Livro: “Queríamos que los curiosos los frecuentaran, como quien juega con las formas cambiantes que revela un calidoscopio” (Borges, *El libro de los seres imaginarios* 10). Mas, em lugar de pequenas peças de vidro colorido, o que esse caleidoscópio revira e rearranja a cada mirada é a história da escrita de todo o mundo.

## OBRAS CITADAS

Benjamin, Walter. "O colecionador." Benjamin, Walter. Passagens. Belo Horizonte: UFMG, 2007. 237-246.

Blom, Philipp. Ter e manter: uma história íntima de colecionadores e coleções. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Borges, Jorge Luis. Biblioteca personal (prólogos). Madrid: Alianza, 1988.

- - -. El libro de los seres imaginarios. Buenos Aires: Emecé, 2009.

- - -. "Funes el memorioso". Borges, Jorge Luis. Ficciones. Madrid: Alianza Editorial, 2008. 123-136.

Jacob, Christian. "Ler para escrever: navegações alexandrinas." Baratin, Marc e Christian Jacob. O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 45-73.

- - -. "Prefácio." Baratin, Marc e Christian Jacob. O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 9-17.

Manguel, Alberto. A biblioteca à noite. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Sánchez, Yvette. Coleccionismo y literatura. Madrid: Cátedra, 1999.

Serres, Michel. Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.